

## É POLIAMOR E A ABERTURA DE SISTEMAS

CONVERSANDO  
COM A MÍDIA

O que vemos inicialmente é uma cena típica do cotidiano de qualquer casal que mora junto, ou seja, acordar e sair da cama para escovar os dentes. O que não esperamos é que, além de dois, exista um terceiro, e que a cena, ao invés de nos brindar com uma situação de ciúmes que satisfaça nossa expectativa baseada no imaginário de relações amorosas, mostre gestos de afeto e de carinho entre os três. É dessa maneira que se inicia o documentário *Poliamor* (2010), de José Agripino. O diretor toca num assunto que desestabiliza nossa concepção corriqueira do que é o amor e dos relacionamentos conjugais: a possibilidade de amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo.

Mas o que causa esse desconforto ou pelo menos uma desestabilização de nosso entendimento do assunto? Talvez uma pista inicial esteja justamente em nossa expectativa da existência do ciúme baseada num pressuposto da exclusividade, e que pode até mesmo ser encontrada na formação da palavra poliamor. Para expressar a ideia de amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo foi necessário um prefixo, como se a palavra amor não comportasse sozinha esse significado, indicando que, de alguma maneira, a associação entre amor e exclusividade seja persistente em nossa forma de entender e falar o mundo.

Sabemos racionalmente que o amor romântico é uma construção recente frente a um fundo histórico e social da função patrimonialista dos casamentos. Mas aprendemos a idealizar e esperar que essa relação com o outro amado nos completasse e nos saciasse a ponto de não precisarmos de outros amores. Nesse sentido, a proposta do poliamor mexe com alguns pontos nodais das relações: o ciúme, a noção de traição e o grau de abertura dos relacionamentos amorosos.

Uma das reações possíveis à proposta do poliamor é tomá-lo como oposto da monogamia e identificado à traição. E isso porque nos acostumamos a conceber a traição como o relacionamento amoroso fora do casamento ou de uma relação considerada como exclusiva. Mas uma das características do poliamor é justamente a de que os/as parceiros/as devem estar conscientes a respeito das configurações que cada um faz de seus relacionamentos, ou seja, além do pressuposto de que é possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo, existe um acordo consensual no qual os vários amores encontram lugar numa negociação envolvendo todas as partes. Nesse sentido, a traição deixa de estar associada à imagem de um caso extraconjugal, no sentido de que está fora da relação legal, tendo, assim, a conotação de ilegalidade, e passa a se referir à quebra de acordos negociados entre os participantes de uma relação. Assim, podemos pensar um novo tipo de abertura que não carrega o sentido pejorativo de promiscuidade ou traição, e explorar as suas possibilidades como moduladora das relações e dos encontros entre humanos entendidos como seres autopoiéticos.

Se defino os seres vivos como autopoiéticos, é porque quero diferenciá-los dos outros seres no sentido de seu modo operacional, ou seja, seres autopoiéticos estão constantemente se autoproduzindo e se o deixam de fazer, morrem. Tal definição muda nosso entendimento das relações, pois, nesse caso, a relação de um ser autopoiético com o meio não é de adaptação a formas estabelecidas desde o exterior, sejam modelos de comportamento ou ficções científicas como dissemi-

### RAFAEL DIEHL

*Professor Adjunto no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco. Doutor em Informática na Educação e Mestre em Psicologia Social e Institucional. Estuda as relações entre tecnologias, corpos e produção de conhecimento.*

nar material genético, mas de criação de formas em encontros que são, por definição, processuais.

Recorro ao conceito da autopoiese porque ele nos ajuda a reforçar a dimensão de individualidade de cada organismo vivo envolvido numa relação e de podermos distinguir ao menos dois níveis de abertura nos sistemas envolvidos. Existe muita confusão em torno desse conceito no que se refere ao fechamento ou abertura, pois ao afirmar que o sistema nervoso é operacionalmente fechado, Maturana (1999) quer dizer que, no nível perceptivo, nenhuma unidade material do meio entra no organismo, pois o que ocorre é uma modulação entre o sistema nervoso operacionalmente fechado e seu ambiente, que inclui o corpo no qual ele se localiza. O mais importante dessa distinção é o fato de que isso não quer dizer que a autopoiese seja um modelo fechado, mas que existem vários níveis de abertura e que, no nível do simbólico, esta se refere ao modo como compartilhamos domínios consensuais.

Quando pensamos na abertura de relacionamentos, temos que levar em consideração quem distingue essa abertura e de que modo ela pode ser definida. No nível biológico da organização e da estrutura dos seres vivos, uma relação não tem a mesma individualidade que os corpos vivos. Dessa forma, para dizermos que uma relação é aberta, é preciso especificar os limites de tal relação e como se chega ao consenso quanto ao grau de abertura. Como esta não ocorre no nível dos limites físicos dos corpos, ela deve operar na linguagem que, numa abordagem sistêmica, é entendida como um processo que envolve corpos vivos e materialidades usadas como suportes, seja o próprio corpo utilizado em gestos comunicativos, sejam objetos como folhas de papel e telas que suportam inscrições. A possibilidade de compartilhar domínios consensuais está baseada na existência da linguagem e, em se tratando de abertura de um relacionamento, ela precisa ser negociada na linguagem e nas suas formas possíveis de contrato, no sentido de objetivação de uma relação. É claro que esse contrato não é rígido por sua natureza, apesar de existirem documentos nos cartórios que buscam tal objetivação concreta, mas é por isso mesmo que a negociação deve ser constantemente colocada em questão.

A abertura tem um sentido muito mais potente quando relacionada ao amor, pois ela não é sinônimo de traição, justamente porque o poliamor pressupõe o diálogo aberto no que se refere às escolhas em conjunto. Dessa forma, amar outras pessoas num relacionamento aberto não pode ser considerado traição se os envolvidos na relação compartilham de algo que foi acertado como possível em termos de condutas e aceitam o amor como expressão de uma condição viva. A traição, então, poderia ser reservada para o caso de quando um dos participantes não é congruente com o que é acertado na relação, e isso não seria reduzido apenas ao sentido de se relacionar com outras pessoas, mas nas diversas ações que perpassam todos os níveis de um relacionamento e seus domínios consensuais. O que chamo de contrato é a negociação consensual entre os envolvidos que deve ser aberta no sentido de não ter partes escondidas, pois é isso que ocorre na traição, ou seja, uma das partes age em não conformidade com o contrato, fazendo isso às escondidas. Podemos aqui fazer um paralelo com o *software* livre, ou seja, no software livre toda linha de comando, todo o programa como texto codificado é aberto para qualquer usuário, diferentemente do programa fechado, que tem partes não acessíveis.

Dessa forma, em uma traição, é como se uma das pessoas reescrevesse uma parte do contrato e o deixasse fechado. A ideia de abertura em relação aos contra-

tos é a de que ele possa estar visível para todos os participantes, e isso não vale apenas para uma relação poliamorosa, pois todo domínio consensual na linguagem guarda a característica de precisar ser aberta para manter sua validade. Assim, existe abertura num domínio de linguagem quando as partes envolvidas chegaram a algum tipo de acordo consensual, que está visível para todos os envolvidos e do qual, se for necessário, todos podem participar de sua reformulação. O que ocorre muitas vezes nas relações conjugais é que são tomados muitos pressupostos sobre a relação que não foram necessariamente consensuados, pois foram determinados de fora da relação. Isso acontece com os modelos de relacionamento que, de uma maneira ou de outra, nos são ensinados por contos de fadas, performatividades de gênero e outros modelos imaginários. O que a proposta do poliamor torna visível é que se pode trazer para o domínio consensual da relação o pressuposto de que é possível amar outras pessoas e que concepções como a exclusividade podem ser questionadas e negociadas no âmbito da relação.

A famosa dupla monogamia-traição entra muitas vezes nas relações como um contrato pressuposto, mas não necessariamente consensuado. Nesse sentido, o poliamor traz um questionamento importante sobre a abertura das relações, pois mais do que trazer a questão de amar outras pessoas ao mesmo tempo, ele enfoca a importância de uma abertura em relação aos modos consensuais de existência, no sentido de que cada um é respeitado na sua posição diante dos contratos ou daquilo que se convencionou, e que essa abertura refere-se ao fato de que nada será escondido, como no caso das traições em seu sentido tradicional.

Tal concepção de relacionamento estabelece um domínio de responsabilidade e respeito que está de acordo com a ideia de Maturana (1999) de que o amor é a aceitação do outro como legítimo outro. Dessa forma, amar é manter uma abertura a um potencial de diferença quanto ao que esperamos do outro, e ela é sempre necessária porque, do contrário, nosso sentimento ou nossa disposição para a ação, ao invés de ser a de se aproximar e acolher esse outro, torna-se o de apontar defeitos, restrições e fazer cobranças. Manter uma abertura como visibilidade e acessibilidade daquilo que foi consensuado entre todos parece ser uma boa prática para evitar sentimentos de rejeição, desconfiança, cobranças e mal entendidos que tão facilmente aparecem em qualquer relação amorosa.

Vale lembrar que, como diz uma das entrevistadas que participam do documentário, essa abertura é entendida como possibilidade de outros amores, mas que isso não necessariamente precisa ocorrer. Nesse sentido, ela não se coloca como uma imposição externa que deve ser seguida, mas como condição advinda do fato de estarmos vivos. Assim, os domínios consensuais que criamos na linguagem só podem gerar sentimentos positivos se baseados numa aceitação mútua na qual a abertura é muito mais condição de vida do que adaptação a um determinado modelo de relacionamento.

## REFERÊNCIAS

- Agripino, J., & Borazanian, L. (2010). *Poliamor* [documentário]. L. Borazanian, Prod., J. Agripino, dir. São Paulo: Senac. 15 min. color. son.
- Maturana, H. (1999). *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.